

LEIGH BARDUGO



MULHER-MARAVILHA  
SEMENTES DA GUERRA



## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Para Joanna Volpe,  
minha irmã na batalha.

“Aproxima-te, transpõe a turba e vem me confrontar.  
Descobre o poder que verte das amazonas. Com o meu  
sangue se matiza a guerra!”

– Quinto de Esmirna, *A queda de Troia*



## CAPÍTULO 1

*Não se entra em uma corrida para perder.*

Diana se aquecia na linha de largada. As panturrilhas estavam rígidas como cordas de arcos, as palavras da mãe reverberavam em seus ouvidos. Uma multidão havia se reunido para assistir às disputas de luta e lançamento de dardo que marcariam o início dos Jogos Nemeus. Entretanto, a prova mais aguardada era a corrida, e as arquibancadas estavam em polvorosa com a notícia de que a filha da rainha participaria da competição.

Ao avistar Diana entre as corredoras, Hipólita não demonstrou surpresa. Conforme a tradição, desceu de sua plataforma de observação para desejar boa sorte às atletas, soltando um gracejo aqui e oferecendo uma palavra de incentivo ali. Deu um breve aceno de cabeça para Diana, sem demonstrar qualquer favoritismo, mas sussurrou, tão baixo que apenas a filha pôde ouvir:

– Não se entra em uma corrida para perder.

Amazonas ladeavam o caminho que dava para fora da arena e pediam o início dos jogos, como num grito de guerra. À direita de Diana, Rani abriu um sorriso radiante.

– Boa sorte hoje.

Ela era sempre gentil, graciosa e, claro, vitoriosa. À esquerda de Diana, Tira soltou uma bufada e rebateu, balançando a cabeça:

– Ela vai precisar.

Diana a ignorou. Fazia semanas que ansiava pela corrida, que consistia em uma longa trilha para reaver uma das bandeiras vermelhas penduradas sob o grande domo em Bana-Mighdall. Se fosse uma prova apenas de velocidade, ela não teria chance. Ainda não havia alcançado a totalidade de sua força de amazona. *Com o tempo, você chega lá*, prometera a mãe, só que ela fazia muitas promessas que nem sempre se realizavam.

Aquela corrida era diferente. Requeria estratégia, e Diana tinha se preparado. Treinara às escondidas com Maeve, aprimorando sua velocidade e traçando uma rota por um terreno mais acidentado, porém sem dúvida era um percurso mais linear até a ponta oeste da ilha. Ela havia até... bem, não exatamente *espionado*... mas colhido informações das outras participantes. Ainda era a menor, e com certeza a mais jovem, mas dera uma boa espichada no último ano e já estava quase do tamanho de Tira.

*Não preciso de sorte*, disse a si mesma. Então encarou a fileira de amazonas na linha de largada. Parecia uma tropa se preparando para a guerra. É, um pouquinho de sorte também não faria mal. Ela queria aquela coroa de louros. Era algo que podia conquistar em vez de simplesmente receber.

No meio da multidão, avistou os cabelos ruivos e o rosto sardento de Maeve e abriu um sorriso, tentando transmitir confiança. A amiga retribuiu o sorriso e sussurrou:

– Não se precipite.

Diana revirou os olhos, mas assentiu e tentou respirar mais devagar. Tinha o péssimo hábito de disparar logo na largada e desperdiçar energia. Clareou a mente e tentou se concentrar no trajeto enquanto Tecmessa caminhava pela fileira vistoriando as corredoras, com joias reluzindo em seus cachos e pulseiras de prata cintilando nos braços morenos. Ela era a conselheira mais íntima de Hipólita, tinha a posição mais importante depois da rainha e se comportava como se seu vestido índigo cintado fosse uma armadura de batalha.

– Pegue leve, Píxide – murmurou Tec para Diana ao passar. – Não quero ver você se despedaçar.

Diana ouviu Tira soltar outra risada, mas se recusou a demonstrar incômodo ao ouvir o apelido. *Quero ver a sua cara quando me vir subindo no pódio.*

Tec ergueu as mãos para pedir silêncio e fez uma mesura para Hipólita, que estava sentada entre duas outras integrantes do Conselho das Amazonas no camarote real – uma plataforma alta, protegida da luz por uma cobertura de seda tingida de azul e vermelho, as cores vibrantes da rainha. Diana sabia que era ali que sua mãe queria que ela estivesse naquele exato instante: sentada a seu lado, aguardando o início dos jogos em vez de competindo. Nada disso teria importância depois que ela vencesse.

Hipólita vestia sua elegante túnica branca, calças de montaria e um diadema simples na cabeça. Era, nos mínimos detalhes, a rainha. Parecia serena e tranquila, mas, se assim o desejasse, poderia dar um salto e entrar na competição a qualquer momento.

Tec se dirigiu às atletas reunidas nas areias da arena.

– Pela honra de quem vocês competem?

– Pela glória das amazonas – responderam em uníssono. – Pela glória da nossa rainha.

Diana sentiu o coração acelerar. Jamais entoara essas palavras antes, não como competidora.

– A quem exaltamos todos os dias? – bradou Tec.

– A Hera, Atena, Deméter, Héstia, Afrodite e Ártemis – responderam em coro.

Estas eram as deusas que haviam criado Temiscira e a entregado a Hipólita como local de refúgio.

Tec fez uma pausa e, ao longo da fileira, Diana ouviu o sussurro dos outros nomes: Oyá, Durga, Freia, Maria, Jael. Outrora profetizados na hora da morte, nas últimas orações de guerreiras abatidas em batalha, eram palavras que possibilitaram que fossem trazidas àquela ilha e que lhes concederam vida nova como amazonas. Ao lado de Diana, Rani levou aos lábios o amuleto retangular que sempre usava e murmurou o nome das Matri, as sete mães que combatiam os demônios.

Tec ergueu uma bandeira vermelha idêntica à que aguardava as corredoras em Bana-Mighdall.

– Que a ilha as conduza a uma vitória justa!

Ela baixou a seda vermelha e a multidão urrou. As corredoras se lançaram em direção ao arco leste: a corrida havia começado. Diana e Maeve haviam previsto o tumulto inicial. Ainda assim, sentiram uma pontada de frustração ao ver as atletas aglomeradas na boca do túnel de pedras, um emaranhado de túnicas brancas, braços e pernas musculosos, o eco dos passos, todas tentando sair da arena ao mesmo tempo. Então alcançaram a estrada e avançaram pela ilha, cada uma seguindo o próprio percurso.

*Não se entra em uma corrida para perder.*

Diana ajustou as passadas ao ritmo dessas palavras, os pés descalços atingindo a terra batida da estrada que a levaria pelo emaranhado da Floresta Cibeliana até a margem norte da ilha.

Em geral, a caminhada para cruzar aquela floresta era longa e lenta, dificultada por árvores caídas e vinhas tão grossas que só se podia abrir caminho com um facão. Entretanto, Diana delineara muito bem seu trajeto. Uma hora depois de adentrar a mata, irrompeu em meio às árvores na estrada costeira deserta. O vento levantou seus cabelos e uma rajada de sal lhe açoitou o rosto. Respirou fundo e conferiu a posição do sol. Sairia vencedora.

Ela havia mapeado o percurso na semana anterior com Maeve, e ambas o completaram duas vezes em segredo, sob a luz cinzenta da manhã, quando suas irmãs ainda se levantavam da cama, os fogões ainda eram aquecidos e os únicos curiosos com quem tinham que se preocupar eram os madrugadores que saíam para caçar ou fazer a pesca do dia. Porém, os caçadores se limitavam às matas e aos prados bem mais longe ao sul, e ninguém pescava para além daquela parte da costa; não havia bons pontos de partida para os barcos, somente os penhascos íngremes cor de aço que mergulhavam direto no mar, além de um abrigo diminuto e hostil acessado apenas por um caminho tão estreito que só se podia descê-lo de lado, arrastando os pés, com as costas coladas à rocha.

A margem norte era cinza, sombria e inóspita, e Diana conhecia cada cantinho daquele cenário secreto, os rochedos e as grutas,



as poças de maré apinhadas de lapas e as anêmonas. Era um bom lugar para ficar sozinha. *A ilha se empenha em agradar*, explicara a mãe uma vez. Por isso Temiscira era arborizada por sequoias em uns pontos e seringueiras em outros; por isso ela podia passar a tarde vagando pelos pastos, montada em um pônei, e a noite em um camelo, escalando uma encosta de dunas de areia sob o luar. Tudo isso eram fragmentos da vida que as amazonas haviam levado antes de chegarem à ilha, pequenas paisagens da alma.

Diana às vezes se perguntava se a margem norte de Temiscira existia apenas para ela, para que pudesse se desafiar escalando suas escarpas íngremes, para que pudesse ter um lugar para onde fugir quando o fardo de ser a filha de Hipólita ficasse pesado demais.

*Não se entra em uma corrida para perder.*

Essa não fora uma advertência corriqueira da mãe. As perdas de Diana eram muito diferentes, ambas sabiam disso – e não apenas por sua condição de princesa.

Diana quase sentia o olhar sagaz de Tec, quase ouvia sua voz debochada. *Pegue leve, Píxide*. Era assim que Tec a apelidara: Píxide. Um pequeno vaso de barro, feito para guardar joias ou tintura de carmim para os lábios. O nome era inofensivo, provocativo, sempre entoado de maneira afetuosa – pelo menos era o que Tec alegava. Mas sempre machucava: fazia Diana se lembrar de que não se equiparava às outras amazonas, que isso jamais aconteceria. Suas irmãs eram guerreiras experientes, forjadas a ferro pelo sofrimento e tallhadas à perfeição ao passar da vida à imortalidade. Todas haviam conquistado seu lugar em Temiscira. Exceto Diana, nascida do solo da ilha e do desejo de Hipólita por uma filha, moldada no barro pelas mãos de sua mãe. *Pegue leve, Píxide. Não quero ver você se despedaçar.*

Diana acalmou a respiração, manteve os passos firmes. *Hoje não, Tec. Hoje os louros pertencem a mim.*

Ela deu uma olhadela para o horizonte, deixando que a brisa do mar resfriasse o suor em sua testa. Avistou a silhueta branca de um navio além do nevoeiro. Estava bem perto da divisa, de modo que Diana pôde distinguir as velas. A embarcação era pequena – uma escuna, talvez? Tinha dificuldade em recordar detalhes náuticos. Mastro grande, mezena, mil nomes para as velas, o cordame. Uma

coisa era estar em um barco, aprendendo com Teuta, que navegara com piratas. Outra muito diferente era se enfiar na biblioteca em Éfeso e ficar encarando o desenho de um bergantim ou de uma caravela.

Às vezes Maeve e ela brincavam de tentar localizar navios ou aviões, e uma vez chegaram a avistar o contorno de um cruzeiro no horizonte. No entanto, a maioria dos mortais sabia que era preciso manter distância daquele canto em particular do Egeu, onde as bússolas rodopiavam e os instrumentos demonstravam súbita recusa em obedecer.

Naquele dia uma tempestade parecia se formar para além do nevoeiro da divisa, e Diana lamentou não poder se deter para assistir. As chuvas que chegavam a Temiscira eram fracas, tediosas e previsíveis, nada como o estrondo ameaçador dos trovões e o vislumbre da luz trêmula dos relâmpagos ao longe.

*Você tem saudade das tempestades?*, perguntara Diana uma tarde, enquanto Maeve e ela relaxavam sob o sol no terraço do palácio, escutando o bramido estrondoso de um temporal. Maeve havia morrido durante a Emboscada de Crossbarry, e as últimas palavras que saíram de seus lábios foram uma prece a Santa Brígida de Kildare. Ela era nova na ilha em relação às outras amazonas e viera de Cork, onde tempestades eram frequentes.

*Não*, respondera Maeve em seu tom de voz cadenciado. *Sinto saudade de uma boa xícara de chá, de dançar, dos rapazes... Mas, definitivamente, não da chuva.*

*A gente dança*, protestou Diana.

Maeve soltou uma risada.

*A gente dança de um jeito diferente quando sabe que não vai viver para sempre.* Então ela se espreguiçara, a pele branca repleta de sardas, feito densas nuvens de pólen. *Acho que fui um gato em outra vida, porque só quero me espreguiçar e ficar dormindo em um lugar quentinho.*

*Não se precipite.* Diana resistiu ao ímpeto de acelerar. Era difícil se conter quando se estava com o sol da manhã nos ombros e o vento nas costas. Ela se sentia forte. Era fácil se sentir assim quando estava consigo mesma.

Um estrondo ecoou por sobre as ondas, um som metálico. Os pés de Diana vacilaram. No horizonte azul se elevou uma torre de fumaça. A escuna estava em chamas. Em uma explosão, a proa se despedaçou, um dos mastros desabou e a vela foi se arrastando pela amurada.

Diana percebeu que reduzia a velocidade, mas se forçou a retomar o ritmo das passadas. Nada havia a ser feito pela escuna. Aviões caíam. Navios naufragavam nas rochas. Essa era a natureza do mundo mortal. Ali o desastre podia acontecer, e com frequência acontecia. A vida humana era uma maré de sofrimento que jamais atingia a margem da ilha. Diana se concentrou no trajeto. Bem longe, podia ver o brilho dourado do sol a reluzir no grande domo em Bana-Mighdall. Primeiro a bandeira vermelha, depois a coroa de louros. Esse era o plano.

De repente, ela ouviu um grito.

*Uma gaiivota, disse a si mesma. Não é possível que seja uma pessoa.* Um grito humano não podia ser ouvido a uma distância tão grande, certo? Não importava. Não havia nada que ela pudesse fazer. Mesmo assim, seus olhos tornaram a mirar o horizonte. *Só quero tentar ver um pouco melhor, pensou. Tenho muito tempo. Estou adiantada.*

Não havia um bom motivo para se aproximar da beirada do rochedo. Ainda assim, ela o fez. As águas perto da orla estavam calmas, claras, um turquesa vibrante. O oceano era um poço bravio, um mar azul-escuro, já quase negro. A ilha podia se esforçar para agradar a ela e suas irmãs, mas o mundo para além da divisa não se preocupava com a felicidade ou a segurança de seus habitantes.

Mesmo a distância, ela podia enxergar a escuna afundando. Porém, não via botes salva-vidas ou sinalizadores, apenas fragmentos da embarcação destruída levados pelas ondas revoltas. Era o fim. Diana esfregou os braços com vigor, afastando um súbito arrepio, e começou a retornar para a trilha das carroças. A vida humana era assim. Tantas vezes Maeve e ela haviam mergulhado perto da divisa, nadado em meio aos destroços de aviões, veleiros e lanchas reluzentes. A água salgada alterava a madeira, que endurecia e não apodrecia. Com os mortais era diferente. Eles serviam de alimento para os

peixes do mar profundo e tubarões. O tempo os consumia lenta e inevitavelmente, quer estivessem sob a água ou em terra firme.

Diana tornou a conferir a posição do sol. Poderia estar em Bana-Mighdall em quarenta minutos, talvez menos. Perdera só alguns instantes. Poderia compensar o tempo. Em vez disso, olhou para trás.

Todos os livros antigos contavam histórias sobre pessoas que cometeram o erro de olhar para trás. Ao deixar cidades em chamas. Ao sair do inferno. Apesar disso, Diana olhou para o navio que naufragava nas grandes ondas, todo inclinado, feito a asa quebrada de um pássaro.

Calculou a extensão do topo do penhasco. Havia pedras pontuadas na base. Se não desse impulso suficiente, o impacto seria feio. Mesmo assim, a queda não a mataria. *Isso vale para uma amazona de verdade*, pensou. *Será que vale para você?* Bem, esperava que sim. De qualquer forma, a mãe a mataria.

Diana encarou mais uma vez os destroços e deu um impulso. Correu a toda, ganhando velocidade a passadas largas, os braços se movendo no ritmo, reduzindo a distância até a beira do penhasco. *Pare, pare, pare*, clamou sua mente. *Isso é loucura*. Mesmo que houvesse sobreviventes, não poderia fazer nada. Tentar salvá-los era atrair o exílio, e não havia exceção à regra – nem para uma princesa. *Pare*. Ela não soube ao certo por que não obedeceu. Quis acreditar que foi porque seu peito abrigava um coração de heroína, que exigia uma resposta àquele chamado. No entanto, ao se lançar por sobre o penhasco e avançar pelo céu vazio, soube que parte do que a impulsionava era a provocação daquele grande mar cinzento, que não se interessava por seu amor.

Seu corpo descreveu um arco amplo no ar; os braços à frente conduziam o caminho. Ela direcionou o corpo para a água e atravessou a superfície em um mergulho hábil, os ouvidos tomados por um silêncio súbito, os músculos rijos à espera do impacto brutal das pedras... que não aconteceu. Ela avançou para cima, respirou fundo e começou a nadar até a divisa, os braços transpassando a água morna.

Aproximar-se da divisa era sempre meio empolgante, quando a temperatura da água começava a mudar: o frio lhe tocava primeiro as

pontas dos dedos, depois invadia o couro cabeludo e os ombros. Diana e Maeve gostavam de nadar para além das praias ao sul, ousando ir cada vez mais longe. Certa vez avistaram um navio que passava pelo nevoeiro, com os marinheiros de pé na proa. Um dos homens tinha o braço apontado na direção das duas. Elas mergulharam para se proteger, gesticulando loucamente sob as ondas; gargalhavam tanto que retornaram à margem engasgadas com a água salgada.

*Poderíamos ser sereias!*, gritara Maeve ao se jogar com Diana na areia morna, apesar de nenhuma das duas ser capaz de cantar bem. Passaram o resto da tarde entoando, desafinadas, canções violentas de bêbados irlandeses e rindo feito bobas, até que Tec as encontrara. Mais que depressa, calaram a boca. Transpor a divisa era uma infração leve. Ser vista por mortais em qualquer local próximo à ilha era motivo para sérias ações disciplinares. E o que Diana estava fazendo agora?

*Pare.* Mas ela não podia. Não enquanto aquele grito humano ainda ecoasse em seus ouvidos. Diana sentiu a água fria depois da divisa engolfá-la por completo. O mar agora a possuía e não era amistoso. A corrente a puxou para baixo, uma força poderosa e revolta, o mais sutil movimento de um deus. *Você precisa lutar*, percebeu ela, forçando os músculos a corrigir o rumo. Jamais tivera que enfrentar o oceano.

Ficou um tempo à deriva, tentando se localizar enquanto as ondas se encrespavam à sua volta. A água estava repleta de destroços, papéis flutuando, lascas de madeira, fragmentos de vidro, coletes salva-vidas cor de laranja que a tripulação decerto não tivera tempo de vestir. Era quase impossível enxergar para além da chuva que caía e da neblina que envolvia a ilha.

*O que estou fazendo?*, perguntou-se. *Navios vêm e vão. Vidas humanas se perdem.* Tornou a mergulhar e explorou as impetuosas águas cinzentas, mas não viu ninguém.

Subiu à tona. Sua própria estupidez lhe consumia as entranhas. Ela sacrificara a corrida. Justamente o momento em que suas irmãs a enxergariam de verdade, a chance de deixar a mãe orgulhosa. Em vez disso, abandonara a liderança, e para quê? Não havia nada ali além de destruição.

De esguelha avistou uma silhueta branca, uma grande lasca do que poderia ter sido o casco do navio. Emergiu em uma onda, desapareceu, depois tornou a aparecer. Diana viu um braço esguio agarrado firme à lateral, os dedos abertos, as juntas dobradas. Então, desapareceu.

Outra onda se elevou, uma imensa montanha cinzenta. Diana mergulhou, à procura. Por toda parte havia lascas de madeira, destroços e cacos de vidro; era impossível distinguir um fragmento de navio de outro.

E lá surgiu outra vez – um braço, dois braços, um corpo, a cabeça encurvada e os ombros arqueados, uma camisa amarelo-limão, um tufo de cabelos escuros. Uma garota. Ergueu a cabeça e arquejou, tentando respirar, os olhos injetados de pavor. Uma onda arrebeitou por cima dela, uma rajada de água branca. O fragmento de casco emergiu. A garota não estava mais lá.

Outro mergulho. Diana mirou o ponto onde vira a garota afundar. Avistou algo amarelo em um lampejo e arremeteu. Agarrou o tecido e puxou. O rosto de um fantasma emergiu da água turva diante dela: cabelos louros, olhos azuis arregalados e sem vida. Ela nunca vira um corpo de perto. Tampouco um rapaz. Recuou e soltou a camisa, mas, ao mesmo tempo que via o garoto desaparecer, assinalava as diferenças: maxilar marcado, rosto largo, tal e qual as imagens dos livros.

Ela tornou a mergulhar, mas agora perdera por completo o senso de direção – as ondas, os destroços, a sombra da ilha em meio à névoa. Se nadasse para muito mais longe, talvez não fosse capaz de voltar.

Diana não conseguia se desvencilhar da imagem daquele braço esguio, daqueles dedos ferozes agarrados à vida com tamanha força. *Mais uma vez*, disse a si mesma. Mergulhou, agora sentindo a água gélida se entranhar ainda mais profundamente em seus ossos.

Em um instante o mundo era uma corrente cinza e um mar turvo; no momento seguinte lá estava a garota, em sua camisa amarelo-limão, o rosto virado para baixo, braços e pernas estirados. Tinha os olhos fechados.

Diana a agarrou pela cintura e se içou com ela à superfície. Por um instante aterrador não conseguiu encontrar o contorno da ilha, e então a névoa se dissipou. Ela se impulsionou com as pernas para a frente, enganchando desajeitadamente a garota contra o peito com um dos braços, os dedos da outra mão buscando seu pulso. *Ali*. Fraco e indistinto, porém presente. Embora a garota não respirasse, seu coração ainda batia.

Diana hesitou. Ainda podia ver os contornos de Filos e Ectros, as rochas que demarcavam o início escarpado da divisa. As regras eram claras: não era permitido impedir a maré mortal da vida e da morte, e a ilha jamais deveria ser tocada por ela. Não havia exceções. Nenhum humano podia ser levado até Temiscira, mesmo que fosse para ter a vida salva. Quebrar essa regra significava apenas uma coisa: exílio.

*Exílio*. A palavra era um lastro indesejável, um peso insustentável. Uma coisa era transpor a divisa, mas sua atitude seguinte poderia apartá-la para sempre da ilha, de suas irmãs, de sua mãe. O mundo parecia grande demais; o mar, profundo demais. *Largue*. Simples assim. Se Diana largasse a garota, seria como se jamais tivesse saltado daquele penhasco. Voltaria a ser livre daquele fardo.

Pensou na firmeza e na fúria do punho cerrado da garota, na determinação em seus olhos antes de afundar com a onda. Sentiu o ritmo irregular do pulso dela, uma batida distante. *Viva, viva*.

E nadou até a margem.

Enquanto cruzava a divisa com a garota nos braços, o nevoeiro se dissipou e a chuva diminuiu. Um calor lhe invadiu o corpo. Era estranho ver as águas calmas e inertes depois da violência do mar, mas Diana não reclamou.

Quando seus pés tocaram a areia do chão, ela deu um impulso para cima, ajeitando os braços para erguer a garota de dentro d'água. Era de uma leveza assustadora. Diana parecia estar segurando um pardalzinho nas mãos. Não era de se espantar que o mar tivesse vitimado tão facilmente aquela criatura e seus companheiros tripulantes.

Diana a deitou delicadamente na areia e tornou a verificar seu pulso. Agora não havia batimentos. Ela sabia que precisava fazer o

coração da garota bater, tirar a água de seus pulmões, porém a lembrança do procedimento lhe era um pouco turva. Aprendera sobre ressuscitação de vítimas de afogamento, mas jamais pusera esse conhecimento em prática. Talvez não tivesse prestado muita atenção à época. Que probabilidade tinha uma amazona de se afogar, ainda mais nas águas calmas de Temiscira? Agora sua desatenção poderia custar a vida da garota.

*Faça alguma coisa*, disse a si mesma, tentando vencer o pânico. *Por que tirou a garota da água se não vai fazer nada?*

Diana pôs dois dedos no esterno da menina e foi descendo, à procura do que esperava ser o ponto certo. Entrelaçou as mãos e pressionou. Os ossos se curvaram sob suas palmas. Mais que depressa, Diana recuou. De que ela era feita? De bambu? Tornou a pressionar com delicadeza, depois de novo. Tapou o nariz da garota, aproximou a boca de seus frios lábios mortais e soprou.

Viu o peito da garota subir, mas dessa vez a força extra foi vantajosa. A garota soltou uma tosse súbita, convulsionando o corpo e cuspidando água salgada. Diana pôs-se de joelhos e deu uma gargalhada. Ela conseguira. A garota estava viva.

A realidade do que acabara de fazer a golpeou. Por todos os subjuros de Hades, ela havia conseguido de verdade! A garota estava mesmo viva!

E tentava se sentar.

– Pronto – disse Diana, firmando as costas dela com o braço.

Não podia simplesmente ficar ali parada olhando a outra se debater na areia feito um peixe, nem podia devolvê-la ao oceano. Podia? Não. Os mortais tinham exímio talento para se afogar.

A garota agarrou o torso de Diana, sorvendo o ar com afobação.

– Os outros – disse, ofegante.

Seus olhos estavam tão arregalados que Diana podia ver todo o branco ao redor das íris. Seu corpo inteiro tremia, e a amazona não sabia ao certo se de frio ou choque.

– Temos que ajudar...

Diana balançou a cabeça. Se havia outros sinais de vida em meio aos destroços, não tinha visto. Além do mais, o tempo passava mais



depressa no mundo mortal. Mesmo que ela nadasse de volta, a tempestade já teria dado cabo dos corpos.

– Eles morreram – respondeu Diana, desejando ter escolhido as palavras com mais cuidado.

A garota abriu a boca, em seguida a fechou. Seu corpo tremia com tanta força que Diana achou que a veria se desintegrar. Isso não podia acontecer, podia?

Diana observou o penhasco, acima da praia. Alguém poderia tê-la visto sair nadando. Tinha certeza de que nenhuma corredora havia escolhido aquele trajeto, mas qualquer uma poderia ter visto a explosão e ido investigar.

– Preciso tirar você da praia. Consegue caminhar?

A garota assentiu, mas rangia os dentes e não fez qualquer menção de se levantar. Diana tornou a encarar o penhasco.

– Sério, levante-se.

– Estou tentando.

Ela não parecia estar se esforçando. Diana vasculhou a memória em busca de tudo que ouvira a respeito dos mortais: hábitos alimentares, temperatura corporal, regras culturais. Infelizmente, sua mãe e suas tutoras estavam mais interessadas no que havia de pior neles: guerra, tortura, genocídio, poluição, erros gramaticais.

A garota trêmula na areia à sua frente não parecia se encaixar nesse padrão, não parecia má. Tinha mais ou menos a idade de Diana, a pele escura, os cabelos compridos num emaranhado de tranças cobertas de areia. Era visível que estava fraca demais para ferir qualquer um além de si mesma. Mesmo assim, podia representar grande perigo para Diana. Perigo de exílio. De banimento perpétuo. *Melhor não pensar nisso agora.* Em vez disso, recordou-se das aulas com Teuta: *Organize-se. As pessoas tendem a perder batalhas por não saberem que guerra estão lutando.*

Muito bem... A garota não podia caminhar longas distâncias na condição em que estava. Diana não tinha para onde levá-la. Tocou o ombro dela na esperança de reconfortá-la.

– Escute, sei que você está fraca, mas a gente precisa sair da praia.

– Por quê?

Diana hesitou, então optou por uma resposta vaga, ainda que tecnicamente verdadeira.

– Maré alta.

Pelo visto deu resultado, pois a garota assentiu. Diana se levantou e ofereceu a mão a ela.

– Estou bem – disse a garota, pondo-se de joelhos com um impulso e se levantando.

– Você é teimosa – comentou Diana, guardando certo respeito.

A garota tinha quase se afogado, mas não queria receber ajuda... e certamente não gostaria da sugestão que Diana daria em seguida.

– Preciso que você monte nas minhas costas.

A garota franziu a testa.

– Por quê?

– Porque acho que você não vai conseguir subir o paredão.

– Não há outro caminho?

– Não.

Era mentira. Em vez de discutir, Diana virou as costas. Um minuto depois, sentiu um par de braços agarrar-lhe o pescoço. A garota deu um salto, e Diana estendeu os braços para trás, segurou suas coxas e ajeitou seu corpo.

– Segure firme.

A garota enganchou os braços em seu pescoço.

– Não tão forte! – protestou Diana, sufocada.

– Desculpe!

Ela afrouxou o braço. Diana começou a correr. A garota gemeu.

– Vai mais devagar. Acho que vou vomitar.

– Vomitar? – Diana vasculhou seus conhecimentos sobre as funções corporais dos mortais e, mais que depressa, reduziu o passo.

– *Não se atreva!*

– Só não me deixe cair.

– Você pesa o mesmo que um par de botinas. – Diana avançou pelos grandes rochedos que formavam a base do penhasco. – Terei que usar os braços para escalar, então você precisa se segurar com as pernas também.

– Escalar?

- O paredão.
- Você está me levando *para o alto do penhasco*? Está louca?
- Apenas segure firme e tente não me estrangular.

Diana cravou os dedos na rocha e começou a escalada antes que a garota pudesse responder. Ela avançava depressa. O território era familiar. Diana subira aquele paredão incontáveis vezes desde que começara a frequentar a margem norte. Aos 12 anos, descobrira a caverna onde ele desembocava. Havia outras cavernas, mais abaixo, na lateral do penhasco, mas elas enchiam quando a maré subia.

- A garota soltou outro gemido.
- Quase lá – disse Diana, para encorajá-la.
- Estou de olhos fechados.
- Boa ideia. Continue assim. É só não...
- Vomitar em cima de você?
- Isso – respondeu Diana. – Isso mesmo.

As amazonas não ficavam doentes, mas o vômito aparecia em inúmeros romances e em descrições particularmente vívidas nos livros de anatomia. Não parecia algo divertido...

Enfim Diana alcançou o trecho de terra que demarcava a entrada da caverna. A garota se soltou e suspirou fundo. A caverna era estreita e surpreendentemente profunda, como se alguém tivesse escavado a pedra até o centro do penhasco. As paredes negras cintilavam, sempre úmidas de maresia.

Quando pequena, Diana gostava de fingir que, caso seguisse andando, a passagem ultrapassaria o penhasco e desembocaria numa terra totalmente diferente. Só que isso não acontecia. Era só uma caverna e, por mais que ela desejasse, continuava sendo assim. Não adiantava imaginar.

Diana esperou a visão se ajustar e continuou caminhando caverna adentro, arrastando os pés. O antigo cobertor ainda estava lá – ainda que um pouco bolorento –, bem como sua latinha de suprimentos.

- Ela enrolou o cobertor nos ombros da garota.
- A gente não vai para o topo? – perguntou a menina.
- Por enquanto não.

Diana tinha que retornar à arena. A competição àquela hora já devia estar quase no fim e ela não queria ninguém se perguntando onde ela havia se metido.

– Está com fome? – acrescentou.

A garota balançou a cabeça e respondeu:

– Precisamos chamar a polícia e o resgate.

– Impossível.

– Eu não sei o que aconteceu – disse a garota, recomeçando a tremer. – Jasmine e Ray estavam discutindo com o Dr. Ellis, então...

– Houve alguma explosão. Eu vi lá da orla.

– A culpa foi minha – lamentou a garota, aos prantos. – Eles morreram, e por minha causa.

– Não – replicou Diana com delicadeza, sentindo uma onda de pânico. – Foi a tempestade. – Pousou a mão no ombro da garota. – Qual é o seu nome?

– Alia – respondeu a menina, apoiando a testa nos braços.

– Alia, tenho que ir, mas...

– Não! Não me deixe aqui.

– Eu preciso. Eu... tenho que pedir ajuda.

O que Diana precisava era retornar a Éfeso e descobrir um jeito de tirar a garota da ilha antes que alguém descobrisse. Alia agarrou-lhe o braço e, mais uma vez, Diana se lembrou de como ela se agarrara àquele pedaço de casco.

– Por favor, não demore. Talvez possam mandar um helicóptero. Pode haver sobreviventes.

– Eu volto assim que puder – prometeu Diana e empurrou sua latinha para a garota. – Aqui tem pêssegos secos, sementes de noz-pili e um pouco de água fresca. Não beba tudo de uma vez.

Alia pestanejou.

– Tudo de uma vez? Quanto tempo você vai demorar?

– Umás horas, talvez. Volto o mais rápido possível. Aqueça o corpo e descanse. – Diana se levantou. – E não saia da caverna.

Alia ergueu a cabeça e a encarou. Tinha os olhos castanho-escuros e cílios fartos, o olhar temeroso, porém firme. Pela primeira vez desde que Diana a tirara da água, a garota parecia enxergá-la de verdade.

– Onde estamos? Que lugar é este?

Diana não soube o que responder, logo se limitou a dizer:

– Esta é a minha casa.

Então saiu da caverna antes que Alia pudesse fazer qualquer outra pergunta.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)